

O mar de outrora & poemas de agora

RONALDO WERNECK



F. R. A. G. M. E. N. T. O. S

A primeira parte deste livro é um marzão poépico minuciosamente esquadrihado por Mariana e Maria José, no posfácio, com incursões de W. J. Solha, no prefácio, que incursionou também pela segunda parte, portanto, procuro falar (no texto de abertura a seguir), do que eles não falaram.

Na segunda, continua “o mar mar/telando nas pedras” e na cabeça do Werneck, entre voos transoceânicos, destaque “Mauro-Niemeyer: nuvens” – contido, rimas toantes, a palavra arquitetura usada como verbo, surpresa. E “Duas faces” (compõe/põe com, pano/panorama – bonitas aliterações). “Madrugaurora”, diz ele noutro poema, outro saque de craque. Em “Paris/Patricia” o nome dela coincide com o da personagem de “Acossado”, de Godard, enquanto Pat e Ron vadeiam pelos Champs Elysées.

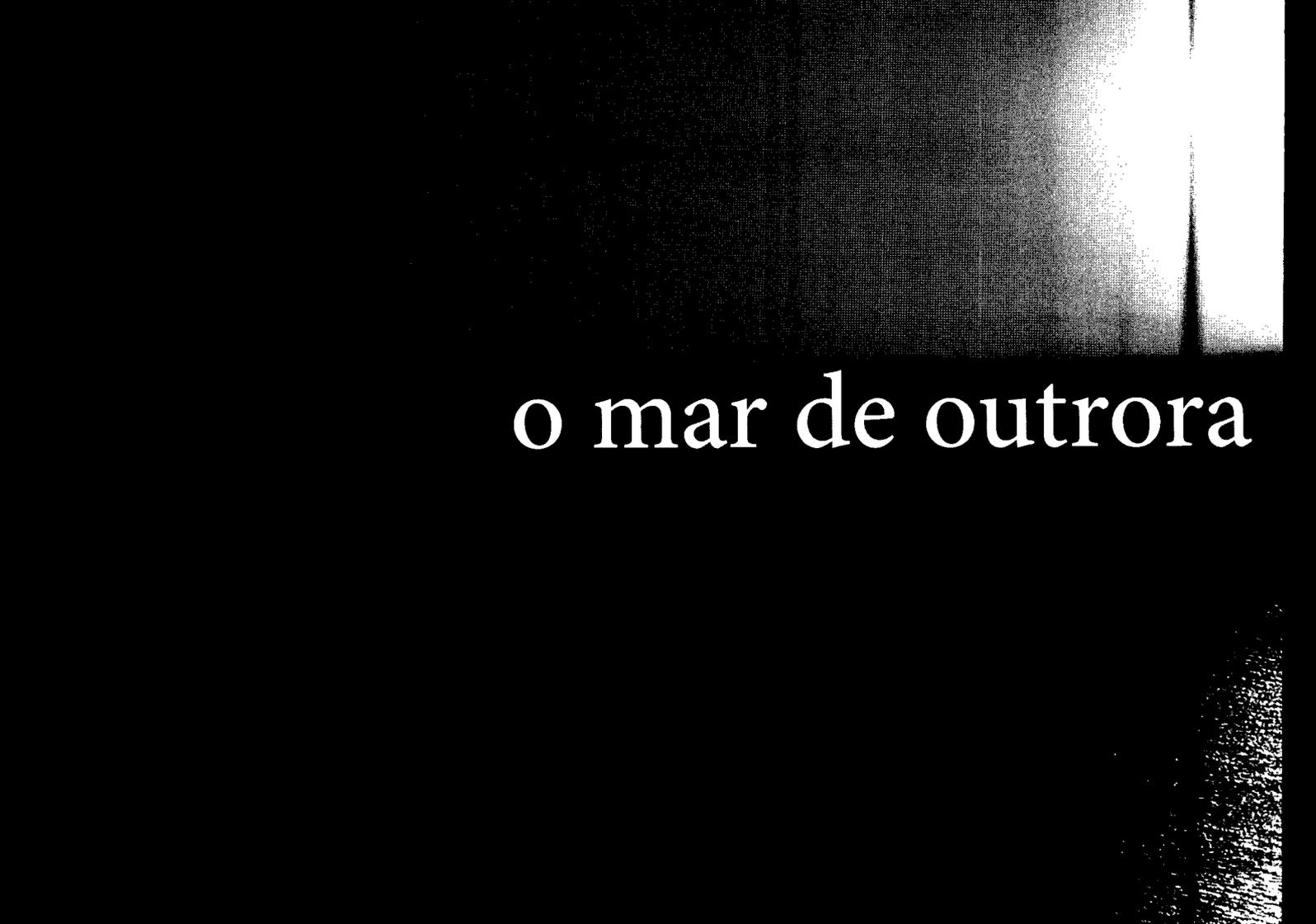
Passeios revividos em Santiago, Nova Iorque, Barcelona e onde mais estiver, com “aquela que me namorara”. Ao fim dos voos nupciais ele pausa no seu ninho-livro propondo “um poema que saia de mim como um sopro de amor sem fim”. Vinicius aplaudiria.

Antônio Jaime Soares

Av Soares Feitosa,
em um mar-oceano
de palavras-imagens.

Com o abraço de

no Brasil Webbook
Carmen Junqueira
maio/22/

The image features a dark, almost black background with a prominent vertical strip of bright, white light on the right side. The overall texture is grainy and high-contrast, suggesting a scan of a physical document or a stylized digital effect. The text is centered horizontally and positioned in the middle of the frame.

o mar de outrora



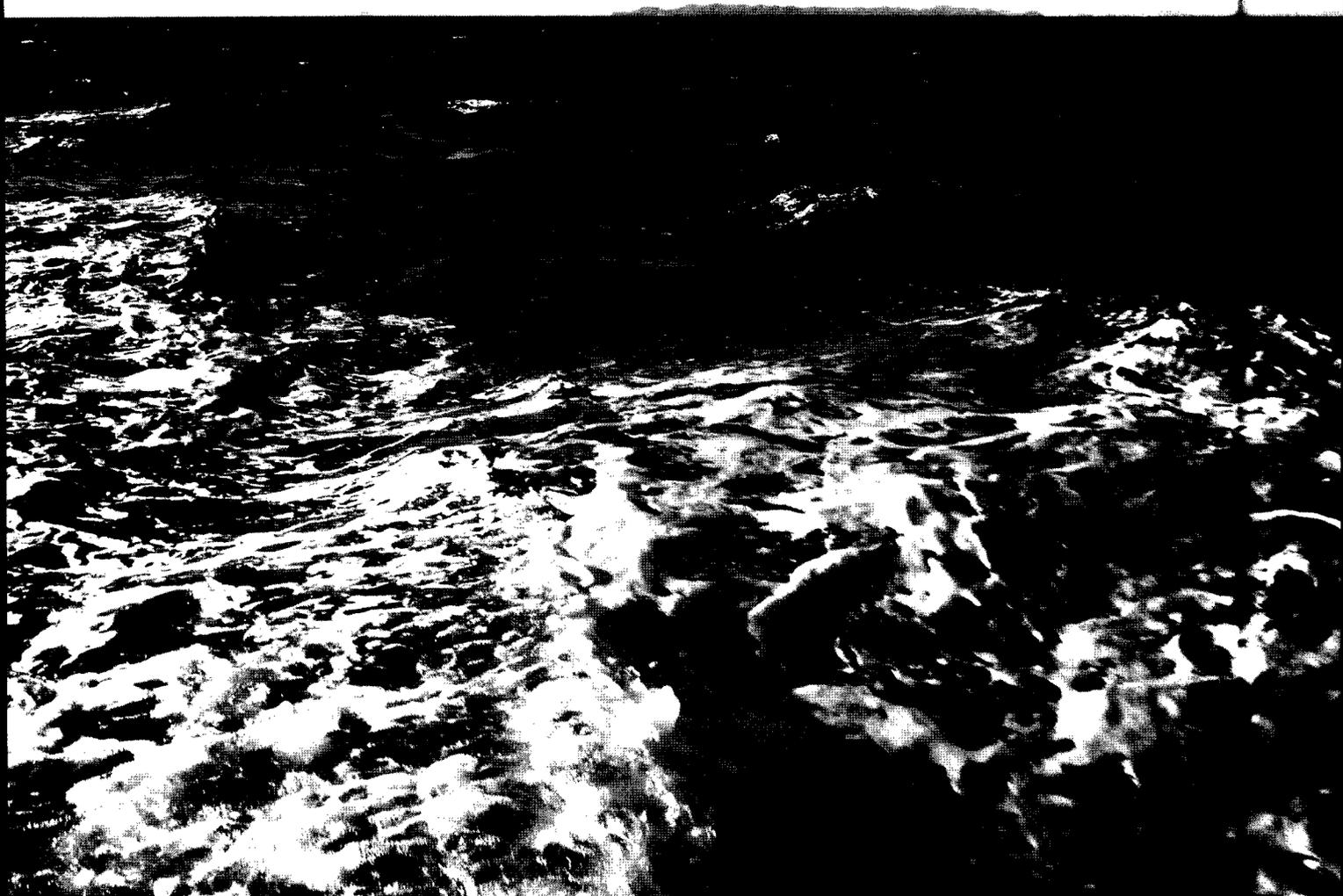
≈ poemas de agora



o mar de outrora & poemas de agora

R O N A L D O W E R N E C K





AMOR AOS SETENTA ANOS

Volto a 1961, quando os limites cataguasais eram bem definidos e sua porta principal, a Reta da Saudade (poetizada por Ronaldo Werneck), riscava um “mar-canavial” (imagem cara a João Cabral de Melo Neto). Naquele ano eu soube que uns moços editavam o jornal O Muro e li no Jornal do Brasil Mário Faustino respondendo a uma correspondência deles. Achei muito chique. Mário, os concretistas, Ezra Pound, Edmund Wilson e outros nos deram uma noção aproximada dos poetas-inventores, da modernidade chinesa, helênica, romana, provençal, florentina, elisabetana aos modernos propriamente ditos.

Noção aproximada, posto que navegar é impreciso, nesse mar, vide “Procura da poesia”, de Carlos Drummond de Andrade. Por conta disso, desde O

Muro, Ron (que vim a conhecer depois) se entrega a essa busca e nel mezzo del cammin esbarra nas modernidades acima, com as quais dialoga em verso fluente corrente marinha peixe em nado contínuo, quem sabe, ele mesmenino de ponta-cabeça num Meia-Pataca ainda navegável, esquina com Rio Pomba, em sua Ítaca/taguases. Ao lado, o campo do seu caro Operário F. C.

Morou um tempo rente ao mar da Bahia que, segundo Caetano Veloso, está acima do nível do mar, demorou mais tempo no Rio, temporada em Niterói, idas às oropas, Mediterrâneo etc., tudo registrado no diário de bordo poético que sempre traz consigo. E trouxe o mar pra cá, em forma de poemas, fotos, filmes, até um Vermelho Cais, letra sua com melodia do amigo Afonso Vieira, be-

lamente interpretada pela amiga Neti Szpilman. Músicos de proa, prova de que Ron navega apoitado, incluindo o quesito amizades.

A primeira parte deste livro é um marzão poépico minuciosamente esquadrihado por Mariana e Maria José, no posfácio, com incursões de W. J. Solha, no prefácio, que incursionou também pela segunda parte, portanto, procuro falar do que eles não falaram.

Na segunda, continua “o mar mar/telando nas pedras” e na cabeça do Werneck, entre voos transoceânicos. Além dos textos abordados por Solha, destaco “Mauro-Niemeyer: nuvens” – contido, rimas toantes, a palavra arquiteto usada como verbo, surpresa. A seguir, “Duas faces” (compõe/põe com, pano/panorama – bonitas aliterações), que deu filme em que Ronaldo representa um poeta

que esquece justo este texto e a coisa se complica, varando a madrugada. “Madrugaurora”, diz ele noutra poesia, outro saque de craque.

Em “Paris/Patricia” o nome dela coincide com o da personagem de “Acossado”, de Godard, bela, ela, na tela, vivida por Jean Seberg, mui apropriadamente lembrada enquanto Pat e Ron vadeiam pelos Champs Elisées. Passeios revividos em Santiago, Nova Iorque, Barcelona e onde mais estiver, com “aquela que me namorara”, feito um par de pássaros em piruetas primaveris. Ao fim dos voos nupciais ele pousa no seu ninho-livro propondo “um poema que saia de mim como um sopro de amor sem fim”. Vinicius aplaudiria.

Este espaço está perto do The End e faltou falar que com essa juventude toda, aos 70 anos, Ronaldo ainda tem uma longa Reta da Saudade pela

frente. Esta, in memoriam, por não existir mais
aquele canal, onde um dia eu vi um cachorro-
do-mato no meio do caminho, hoje margeado até
por multinacionais. E os cães de agora são ultra-a-
destrados pit bulls latindo em inglês pra defender
o território que pensam ser deles, sem saber que,
até coisa de uns quarenta anos outrora, pertenceu
aos seus selvagens e mais ferozes ancestrais.

Um salto: Brasil rural x industrial. Tudo isso pode ir
parar no P da Poesia, tarefa que delego ao mais cata-
guasense que eu (e mais vivido), Ronaldo Werneck.

Antônio Jaime Soares





para
Ulla
Pablo
Rosa



Patricia Barbosa

DE ANTANHO E ATÁVICO O MAR TAMANHO

Escrevo de uma Cataguases litorânea, recortada pelo Rio Pomba, uma cidade do exterior mineiro. De novo aqui, mais de cinco décadas após partir rumo ao mar, esse trem azul que volta comigo, emaranhado e para sempre. Eu o vi pela primeira vez em Paquetá, na virada dos anos 50. Sete anos de Minas e iniciação, menino, servira ao Pomba, serrano e belo, fio que pelo vale tomba: verde a margem, o barro, o mundo em sépia e amarelo. Agora, o susto desse mar.

Em Paquetá, a tarde gris, o cinza invadente mareando meu nariz. Mar sem ondas, obscuro mar maior que o voltar do rio da infância, maior mesmo que Minas obsclara na imaginação do menino – mar-matriz, manancial, mãe: ótico, olfativo, táctil. Trem, fásca, tufão, fausto. Atávico

apelo, irresistível, nu, o menino em pelo no mar mergulha. Água e sódio, lágrima, o sal da terra. Minas, menino, águas que não mais deságuam. Nunca mais o mar-menino, como aquele.

Mar, arco, mar, barco, mar, maranhense mar, o mar azul de Gullar. Rio-mar de nele ficar, despido de estrelas como um tornado. Mar onde jaz sal e sol, céu tombado. O mar onde me aprofundar. Vertente, voragem, vértice, vórtice, vertigem. Mosaico de memórias, nele nado. Comendo peixes e recordações, nelo nado. Ao lado e no clima de Jorge de Lima, nele nado: “Mesmo sem nau e sem rumos,/ mesmo sem vagas e areias,/ há sempre um copo de mar/ para um homem navegar”. *La mer-mère* de Rimbaud, *la mer mêlée au soleil*, o mar lambuzado de luz, de tarde e eternidade,

o mar que Rimbaud me roubou. Nele nado. O mar ao qual novamente retorno e retomo nesse longo poema que ficou meio perdido em meu livro *minas em mim e o mar esse trem azul* (Poemação Produções, 1999). Esse longo poema, pronto e indefinito: “(...) mar de barulhos (...) marvimento de escunas (...) faísca de escamas/ no vau/ da onda/ no verde/ no desvão do azul (...) som da aurora/ que freia/ aproa/ e a estibordo ancora (...) lento mar monumento a barlavento/ sol sal sopro/ de maré de si de mim de outrora/ vaga aqui na mesa onda que entorna/ e escorre grave onde escrevo mar/ e grito e grafo alto mar/ relevo que se solta e cai sobre a aurora”. Minas-mar-memória. O mar e seus tropeços, o mar-em-mim e seu recomeço. Minas marejando, ritornelo, delta, infância.

O mar que não era mar levou-me ao mar de papel, mar da memória, mar-palimpsesto. Rimbaud como isca, a rede trouxe faíscas de Mallarmé, é claro, e também Pound, Camus, Camões, João Cabral, Jorge de Lima, Mário Faustino, Gullar, Leopardi e outros e outros – todos sobrenadando ao sol sob o azul que a gente fita. O que mais dizer? Peixe. O de Marianne Moore, aquele. Prata que na água cresce. Mar que nele envelhece.

De quebra(mar) alguns novos poemas que bateram na areia. Essa é minha praia.

Ronaldo Werneck – Cataguases, julho 2014



S~U~M~Á~R~I~O

- 16 Ronaldo Werneck e la mer, *espejo de su corazón*/ W.J. Solha ~ 25 *rimbaud à la carte* ~ **27 o mar de outrora**
88 Work in progress ~ **89 poemas de agora** ~ 91 Mauro-Niemeyer: Nuvens ~ 92 Duas faces ~ 98 Fogalegre
99 Lemeleve ~ 101 Mar da Bahia ~ 102 Marmanhã ~ 105 Sai do sono ~ 106 Hall da fama ~ 107 Flautangústia
109 2014 ~ 110 Amor aos 70 ~ 111 23.10.13 ~ 113 Coisa legal ~ 120 Choque de gestão ~ 121 Com-viver
122 23 & 23 ~ 126 Poema-panaceia ~ 129 Cataguazes-Catalunya ~ 133 Nova York ~ 136 Copabacana
138 Plena prise ~ 140 Outroragora ~ 141 Paris-Patricia ~ 146 Um trem esse trem ~ 147 Tempo em três tempos
151 Espelho ~ **153 Posfácio** ~ 155 Os Argonautas/ Mariana Cândida
163 Um olhar em *o mar-em-mim*/ Maria José Ladeira Garcia
172 A nenhuma coisa dada/ Eugênio Malta

RONALDO WERNECK e LA MER,
espejo de su corazón

W.J. Solha

Retrospectivamente, vê-se que surgiu da ordem natural das coisas do poeta esse poema longo – *O Mar-em-Mim* – pois o estado de mineiro alumbrado ante o cósmico espaço oceânico já o vimos antes, nesta sua pequena joia:

o mar o campo / primeiro espanto / verde-amplio.

Apaixonado por Cataguases, com tudo que ela lhe significa, o mar longínquo, porém, visto de perto, parece ter para ele o mesmo desesperado sentido que para os dez mil gregos e fenícios de Xenofonte, que gritaram, quando o viram:

– *Thalassa! Thalassa!*

Estavam

salvos!

Como, no entanto, falar, derramar-se a respeito, sem o tom whitmaniano de um Manoel de Andrade, no igualmente belo “Marítimo”, de “Cantares”? Com versos anti-Whitman: descontínuos, longe da clara prosa, inquietos como as ondas e vagas, ou... fascinantes até pelo contraste:

*seu silêncio, alcançado
a custo de sempre dizer
a mesma coisa*

Em Ronaldo Werneck é tudo muito rápido, *non finito*, à base do *meia palavra basta*, impressionista. Van Gogh, no auge da produção, fez, em sessenta e seis dias, trinta e três desenhos e setenta quadros. Coisa de louco. Ou não. Por que tanta pressa, ou como tanta certeza? Diz a Théo:

– A natureza me contou algo, falou comigo, e anotei isso em estenografia. No meu estenograma pode haver palavras indecifráveis – erros ou lacunas – no entanto resta alguma coisa do que o bosque, a praia ou a figura me disseram.

Parece-me que ele falava de *O Mar-Em-Mim*, que nosso poeta reapresenta na primeira parte deste volume inteligentemente intitulado de *O Mar de Outrora & Poemas de Agora*.

Estenografia.

Os impressionistas, quando a fotografia veio com tudo, deixaram de lado a neo clássica pintura acabada e partiram para a taquigrafia a que Vincent se refere. Queria-se *luz, mais luz! Licht, mehr Licht! Lumière, plus de lumière!* E movimento. Como o da locomotiva entrando na estação de Saint Lazare, enchendo-a de vapor; o de barcos a vela singrando as águas dos rios e mares; o de casais dançando no Moulin de la Galette; o de bailarinas no cançã do Moulin Rouge; o de corridas de cavalos; o de ciprestes nervosos sob o vendaval. Mal, porém, alguns impressionistas, como Degas, e quase todos os naturalistas passaram a usar a fotografia como ferramenta, ponto de partida de sua arte, surgem dois irmãos com o sintomático nome de... Lumière, inaugurando o cinema, a paixão explícita de Ronaldo Werneck, a que se juntam a que tem pela vida, pela literatura... e pelo mar.

- *Lumière! Caméra! Action!*

E temos esse *O Mar-Em-Mim...* extremamente vivo, em largo e fabuloso CinemaScope ou VistaVision, desse poeta que, num dos “divertissements” atuais, da segunda metade do livro, põe, como epígrafe, uns versos de Borges:

Eres nubes, eres mar, eres olvido.

Eres también aquello que has perdido.

O livro, por sinal, termina com o sintomático e curto poema *Espelho*, que, por coincidência, enigmaticamente, fala em perda. Leia devagar:

todo dia
um
me falta
falta me
um
dia todo

Bueno.

Estenografia. Ronaldo Werneck se serve, como em obras anteriores, de um trabalho virtuosístico em cima da palavra. Em *Fogalegre*, um dos poemas rapidíssimos de agora, brinca com o nome de Audrey Hepburn – happy, rap, help, burn –, tal como Shakespeare, quatrocentos anos antes, pusera sua assinatura em *Antonio e Cleópatra*, ao dizer que alguém, como um animal, *shakes his ears*. É com a mesma técnica que Werneck lamenta o *mar que rimbaud me roubou*.

Ou fala do *seu/ azul/ onde não erras/ ezra / onde a onda/ pra onde/ pound/ pra onde/ pound/ se descemos/ junto a ti/ e a décio/ junto aos campos*. Esse “*décio aos campos*” tem muito do *enxadachim* de Guimarães Rosas e de uma *cartomente*, de Millôr, sinais dos tempos, de Joyce. Mas, como não há mesmo nada de novo debaixo do sol, Werneck foi buscar no mar e em Pound o que Pound fora buscar na arte japonesa,

e ela na natureza: um lema: *as the sun make it new/ day by day make it new/ yet again make it new/ e de novo agora/ mar/ it/ new.*

Daí que, às vezes, o lance não está em criar palavras, mas de fazê-las soar diferentes, como num outro dos poemas do fim do livro, que começa assim:

*nem sempre
se ostenta
um amor aos 70*

Deu-me vontade de acrescentar (pois estou com 73): “mas... se tenta”. Daí que o poema nos inclui. Mas... *make it new.* E o mar vai e vem, como sempre, mas o poeta lhe dá o toque, tão pessoal: *esse/ mar/ que não/ tem fim/ esse/ mar/ vem/ vai dar/ bem/ em/ mim/ mar/ em/ mim.*

A disposição gráfica não é essa, pois até agora falei do conteúdo, não da forma. Ela é dispersa, porque a riquíssima época da formação werneckiana é, também, a de John Cage, que, em seu *De Segunda a um Ano* (tradução de Rogério Duprat, revista por Augusto de Campos), usa todas as formas possíveis, em que imperam os espaços vazios – silêncios que ele tanto usou em música – incluindo a reprodução de cartas manuscritas de Schönberg, salpicadas deles, quase sempre com sinais em que até suspiros e pigarros são previstos, ponto a que nosso poeta, felizmente, não chegou. Ei-lo como Van Gogh, frenética, lindamente pintando:

incêndio de escamas

onde

um peixe-chama

azul

verdeazul

azul

cinzazul

trama de prata

o peixe tece

no ar

o mar

Mas como reproduzir algo tão já descrito, fotografado, pintado, cantado, filmado? Assumindo, incorporando isso. Já vimos o poeta reclamar “do roubo” que lhe fizeram Rimbaud, Pound, os Campos. Mas há mais, e lá vão belos trechos, como num trailer:

o mar/ de orfeu/ visto de cima

mar de jorge de lima

doce nesse mar/ a imensidão onde penso/ em ungaretti penso/ e m'illumino d'immenso
ali o mar/ por um triz/ contra os rochedos o mar/ la mère aussi de camus

o mar de inflada vela/ o mito/ o morto/ mar-sentinela/ o mar de gullar
o mar de nunca mais/ fausto de desatinos/o mar de mário / o mar-rio faustino

Mas é claro que o poeta não tem medo de seus “maiores”, ou não faria o poema,

mesmo sendo solto e sem deck

mesmo sem cais: no caos werneck

Pois voltemos a Borges:

*Eres nubes, eres mar, eres olvido.
Eres también aquello que has perdido.*

E vamos a Neruda, em “La Mamadre”, neste ponto belíssimo:

*vi la bondad vestida de pobre trapo oscuro,
la santidad más útil:
la del agua y la harina,
y eso fuiste: la vida te hizo pan
y allí te consumimos.*

Quanto essa coisa de comunhão é forte! Veja-a neste belo trecho de *O Mar-em-Mim: mosaico de memórias*, nele nado/ comendo peixes e recordações/ mesmo sem nau e sem rumos,/ mesmo sem vagas e areias,/ há sempre um copo de mar/ para um homem navegar.

Bem, está bom, está bom, leia-se o livro. Mas deixe-me fechar com chave de ouro: *comemos, comestes, como/ um poema no mar nascido/ um mistério/ um feixe de vocábulos/ acontecido.*

Make it new, make it new:

“mistério/ feixe de vocábulos”.

Adieu.

João Pessoa, agosto de 2014

W.J. Solha é ator e autor: poeta, ensaísta, dramaturgo, romancista



rimbaud à la carte

*horizonte em fuga
sol mar e tarde
isto o que é?
a eternidade.*



“dead.

Repeated

evidence has proved that it can live

on what can not revive

its youth. The sea grows old in it.”

Marianne Moore/The fish

o mar de outrora

ABARUAMA/

RIO DE JANEIRO

CATAGUASES

verão-primavera, 1997

outono-inverno, 2014

*“(…) Eis o mar: era morto e renasceu
Eis o mar: era pródigo e o encontrei”*

Jorge de Lima

Invenção de Orfeu/Canto I, III

*“Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instável esprimentam”*

Luís de Camões

Os Lusíadas/Canto X, 91

*“Escuta – ouvindo,
por baixo da flutuante monotonia das ondas,
a música do teu ser,
que não é escravo da vontade,
nem movido, como pensas, pelo acaso
ou pelo destino –
escuta apenas a ti mesmo,
a quem é dado viver este momento
no oceano da eternidade*

Hannah Closs

“Tristão e Isolda”

“Brigam Espanha e Holanda

Pelos direitos do mar

Brigam Espanha e Holanda

Porque não sabem que o mar

É de quem o sabe amar”

Leila Diniz

*“Midi le juste y compose de feux
La mer, la mer, toujours recommencée”*

Paul Valéry
Le Cimetière Marin

“La chair est triste, hélas! et j’ai lu tous les livres.

Fuir! là-bas fuir! Je sens que des oiseaux sont ivres

D’être parmi l’écume inconnue et les cieux!

Rien, ni les vieux jardins refletés par les yeux

Ne retiendra ce coeur qui dans la mer se trempe

O nuits! ni la clarté déserte de ma lampe

Sur le vide papier que la blancheur défend

Et ni la jeune femme allaitant son enfant.”

Stéphane Mallarmé

Brise marine

rimbaud *de nouveau*

pois é

Elle est retrouvée!

— Quoi?— l'Éternité!

ao *sol* que se esvai

mar *mesclado* à tarde

C'est la mer mêlée

Au soleil

sol apenas

Elle est retrouvée!

sol-eternidade

Quoi? l'éternité!

sol que sai de cena

C'est la mer allée

Avec le soleil

mar *partido* à tarde

la mer retrouvée

vem eternité

ao *sol* que se esvai

mesclado ao mar *vem*

mêlée au soleil

muita *eternidade*

vem do sol que arde

mar mesclado à tarde

C'est la mer allée

Avec le soleil

vem eternidade

sol que vai

mesclado *ao mar* *vem*



o mar-em-mim

em mim **O mar o mar-e-mim** vem
esse **fio**

onde vai dar?

esse rio vai dar no mar

esse **mar**

de onde veio?

esse mar-rio no meio

esse

mar

que não

tem fim

esse

mar

vem

vai dar

bem

em

mim

mar



em

mim

manhã

em

mim

mergulho

mar

mar manhã mergulho

o céu soldado no horizonte

maré de meio-sol e armadilhas

fronteiriço bifronte

o mar

onde me aprofundar

vertente

voragem

vértice

vórtice

vertigem

nau que vai

e vem e



arco-íris despedaçado
facetado céu que entorna às avessas
cor que verte
e cai
vertical
vértice
vórtice
especular
despido de estrelas como um tornado
nu el mar-bandeira
mar onde jaz sal e sol céu tombado
esse mar esse veio de sal e luz
esse tem no meio
um rio que o conduz

esse rio no mar não morre
esse rio no ar flutua
e escorre
na praia de minha mão

onde guardo

o sol

a lua

e meu coração

esse azul que a gente grita

no azul l'azur de mallarmé

onde abastecer

ce coeur qui dans la mer se trempe

de lágrimas de nada e mar e amargura

o coração que nada no azul

nada amor nada amar

nada deterá meus braços

eu odisseu de tropeços

só e solto e sôfrego

eu orfeu de palimpsestos

entre céus sóis lençois de amplexos

sufocados em livros

tardos e tristes

traças submersas

lívidos reflexos

emaranhados emersos de espumas
no azul-azul do mar
da bahia a cor que em mim habita

essa

esse

rio

esse rio mora no mar
que é sua rua de morar

rua de sol e cotidiano

azul que a gente fita

como aquele

aquele

mar-azul oceano

aquele beira-mar

blue que bate e se espria na palma da mão-caetano

aquele centro de mar

maraltoceano

mar do meio

mar de dentro



o mar-sea

aquele mar

preso num peixe

o mar daquele fish

aquele mar

onde

the sea grows old in it

céu

e sal

e sol

de uma só vez

sol insólito

luz

luz

luz

pus que solapa

o mar turquês

o mar de marianne

moore

na linha do horizonte

o mar bifronte

incêndio de escamas

onde

um peixe-chama

azul

verdeazul

azul

cinzazul

trama de prata

o peixe tece

no ar

o mar

que nele envelhece

e sacode em mim tardo e triste

sim-sim the fish não pode

the fish

reviver

in it

o mar-atáude
o peixe desce
naufraga
que vai
e volta
revolta
que nele rejuvenesce
como em leila
diniz arrebitando o nariz
ei-la
e seu mar sem voltas
o mar de ganas e gaivotas
sim
leila
o mar é das gaivotas



que nele sabem voar
o mar é das gaivotas
e de quem sabe navegar

o mar sem-fim

aquele

que em mim

rejuvenesce

mar que a gente tece

mar de penélope

em ítaca entristecido

o mar de ulisses e ilusões

o mar que fica

o que ficou

em ítaca

plantado

poita

marco

de penínsulas perdidas

mar

arco

de pénélope o mar

marina

démarrée

mais, vrai, j'ai trop pleuré! les aubes sont navrantes

toute lune est atroce et tout soleil amer

l'âcre amour m'a gonflé de torpeurs enivrantes

ô que ma quille éclate! ô que j'aille à la mer!

la mer

meta

métáfora

mar que rimbaud me roubou

mar que restou

o mar-mère

mar-matriz

mar-eternité

mar que açoita

poita demarrée

peixe



que escapa
prata ao sol feixe
barco livre
mar de eternidade
mesclado de sol
feixe
de sal e som
que bate a barlavento
e ecoa
da popa
à proa
marulho
peixe marco vento vela
invenção
a proa é que é
é que é timão
furando em cheio
furando em vão
o mar

de orfeu

visto de cima

mar de jorge de lima

peixe veleiro

que tudo o deixe

ser só o que é

anterior peixe

não o meu

mas o mar de orfeu

e não há

como negar

mosaico de memórias, nele nado

comendo peixes e recordações

mesmo sem nau e sem rumos,

mesmo sem vagas e areias,

há sempre um copo de mar

para um homem navegar

mesmo sendo solto e sem deck

mesmo sem cais: no caos werneck

agora
pois
depois
ora
pois
por depois
sucedo em mim
depois vou indo
fundo e arrastado
na correnteza
que é de repentes

e torno à tona

como os mares se explicam, como os versos
se encachoeiram em ondas, em tormentos
e mulheres de amor e vice-deuses
pois tudo é um mar

pois

águas há subcelestes e produzidas





pelas chuvas das órbitas
e tudo
é um mar
e a gaivota no índigo céu líquido
e tudo é um mar
constelações maduras acossai-me
oceanos celestes
e alfazemas
no focinho brotando
e comer se comem

pois
corações existem como
os pomos desses pomares
dos marítimos lugares
da forma de um mesmo pomo
nascido nos mesmos ares
servido na mesma mesa
um só pomo com certeza
comemos, comestes, como

um poema no mar nascido
um mistério
um feixe de vocábulos
acontecido
um pescado
se movendo
em surdina
barulho
salsugem
ouro
azul
ouro
vermelho
ouro
marulho
manhã
sol que salga
centelha
contra o penhasco imóvel



sol fora do centro
sol sem lugar

que tudo é mar
que não tem fim
mar que vai dar em mim

que tudo é mar
ao sol que bate

mar de barulhos

a barlavento

marvimento de escunas

a sotavento

faísca de escamas

no vau

da onda

no verde

no desvão do azul ar que cega

e vem com o vento
do sudoeste

som soprado de bombordo



por trás
da manhã
som da aurora
que freia
aproa
e a estibordo ancora
som de infinito
de leopardi buscando a imensidão
aquela
onde
vo comparando e mi sovvien l'eterno,
e le morte stagioni, e la presente
e viva, e il suon di lei
così tra questa
l'immensità s'annega il pensier mio:
e il naufragar m'è dolce in questo mare
doce nesse mar
a imensidão onde penso
em ungaretti penso



e m'illumino d'immenso

vão

de um naufrágio

vau

onde vaga

em vão

meu navegar

nau

frágil mar

que só

sobra

mar

sem

margem

mar

miragem

maralto

mar assim de flanco

nau sobre o nada





mar de joaquim branco

nau de angústia

desgoVeRnada

o mar além

da torre de belém

mar que se alça do tejo
luso de lutas de luz de luíses

no largo mar fazendo novas vias,
só conduzidos de árduas esperanças,
cò mar um tempo andamos em porfias,
que, como tudo nele são mudanças,
corrente nele achámos tão possante,
que passar não deixava por diante

o mar de meu cantar
mar de mim bifronte

mar do le hasard

la mer

la mer

la mère aussi à tipasa

ali o mar
por um triz
contra os rochedos o mar
la mère aussi de camus
chez tipasa
la mer aussi
se taisait
lumière étincelante
et froide
doucement à battre
o mar e seu lençol
de chão suspenso
de areia e ser
tão claro e tenso
cabralino-denso
alcalino-intenso
o mar e seus incensos
o mar e seus ácidos
o mar e a boca de seus ácidos

o mar e seu estômago
que come e se come
o mar e sua carne
vidrada, de estátua,
seu silêncio, alcançado
a custo de sempre dizer
a mesma coisa
o mar e seu tão puro
professor de geometria

o mar contra o medo

colisão de ocasos

o mar do acaso

o mar coup-de-dés

o mar en fête

mar de mallarmé

comme un vierge cheval écume de tempête

nascido

de um embate

la mer par l'aïeul tentant ou l'aïeul contre la mer

une chance oiseuse

inútil

o lance de dados

mesmo quando

LANCÉ DANS DES CIRCONSTANCES

ETERNAS

DU FOND D'UN NAUFRAGE

nada esta espuma virgem verso

eu já sobre a popa

brindando de pé

UNE CONSTELLATION

solitude, récife, étoile

o vau

a vala

varal

a barlavento

bate o mar

bate maresia

tato olfato



bate música
vaga de silêncio no vão dos intervalos
além do azar o mar o mar the sea
beyond

solidãorecifestrela

the blue

o mar de inflada vela

o mito

o morto

mar-sentinela

o mar de gullar

barco

mar azul marco

arco

o céu azul

o seu azul

mar

azul

o céu

o seu

cheiro azul





o céu

bate

azul

o seu

azul

onde não erras

ezra

onde a onda

pra onde

pound

pra onde

pound

se descemos

junto a ti

e a décio

junto aos campos

e descemos então para o navio, e
quilha contra as ondas, rumo ao mar divino, içamos

mastro e vela sobre a nave negra,
ovelhas a bordo, e também nossos corpos
pesados de pranto, e os ventos da popa
nos lançaram ao largo, as velas infladas,
por arte de circe, a de bela coifa
espelhada em mares

e cantos tortos

foice de água azul-cambiante, verde-ovo nos baixios

e cantares

sun to his slumber, shadows o'er all the ocean

e cantares

tontos

de sol e sombra e oceano sono

de sons sibilinos

e sirenes soltas

ao largo

sopradas da orla de molhadas terras

pound

de ezra

o elo a destreza pois



foi flaubert sua penélope com certeza

sem fim sem sim

como quiser

his thou penelope was flaubert,

her fisher by obstinate isles;

observed the elegance of circe's hair

rather than the mottoes on sun-dials

mais uma vez

e venha o que vier

agora e antes

circe penélope flaubert

inventores-diluidores

antes mesmo

dos mastros dos mestres

dos lemas das lesmas dos lemes diante de outros quadrantes

outroragora

sentados no meio do barco, vento premindo o leme,



a todo pano, singramos até o fim do dia
sol rumo ao sono, sombras sobre o oceano

as the sun as the sea e seu make-up

as the sun make it new

day by day make it new

yet again make it new

e de novo agora

mar

it

new

mar up-nose

de espadartes

safiras

merluzas

mar de corais

mardrogado de albatrozes

o mar de nunca mais

fausto de desatinos

o mar de mário

o mar-rio faustino

o mar

o mar recebe o rio

o rio

faustosamente corre para o mar

o rio-mar

alto e bifronte

o mastro verga ao peso de seus astros

o peixe em seu sepulcro, o céu doloso,

piso estelado, fulcro de tormentos

nasce de baixo um feixe, um arco, um pasto

no mar faustino

o mar em vão, e nada, o árduo mundo,

gota após gota, anos e anos

contemplando o poente, os albatrozes

refletem-se nos elmos derrotado

aquele mar madrugada cruel de um albatroz

o mar de mário
em turbilhões de peixes e presságios

um mar de peixe e febre e estirpe farto
de escuna virgem navegante, e canto
um fruto verde no futuro, e parto
apago a vela, enfundo as velas: planto

sobre os potros

o mar verde-gaio

do fundo de um naufrágio

o mar onde caio

arfando

frágil porém vidente, morto ao som
de vagas de verdade e de loucura
bateu-se delicado e fino, com
tanta violência, mas tanta ternura



o mar morto em vida

memória de um poeta-suicida
mar-mergulho

descida
mar-lenda
mar que se inventa

porém, não se dobrou perante o fato
da vitória do caos sobre a vontade
augusta de ordenar a criatura
ao menos: luz ao sul da tempestade

mar de escamas
brilho no arco do horizonte
trilha

na história
o mar
de espinhas
de espumas
de esponjas

doída-doideira

na esteira

de mim

de minas

vago movimento

na memória movimento

lento mar monumento a barlavento

sol sal sopro

de maré de si de mim de outrora

vaga aqui na mesa onda que entorna

e escorre grave onde escrevo mar

e grito e grafo alto mar

rio de ruas recorte

relevo que se solta e cai sobre a aurora

no centro na mesa

mar

de veneza

mar sem eixo

papel-palimpsesto

o mar do meio

mar de argel
mediterrâneo

bissesto

d'encore de âncora de ancora de agoramar de ancorar

o mar o mar o mar o que o faz?

fonte fluxo rio foz refluxo reflexo que retorna e traz

o mar que jaz em mim emaranhado

em
abismo

o

mar

o

mar

e seu fim

rio-corrente

onde caio

enfim

braço

repente



de rio
lasso
vertente
em mim
o mar
ah

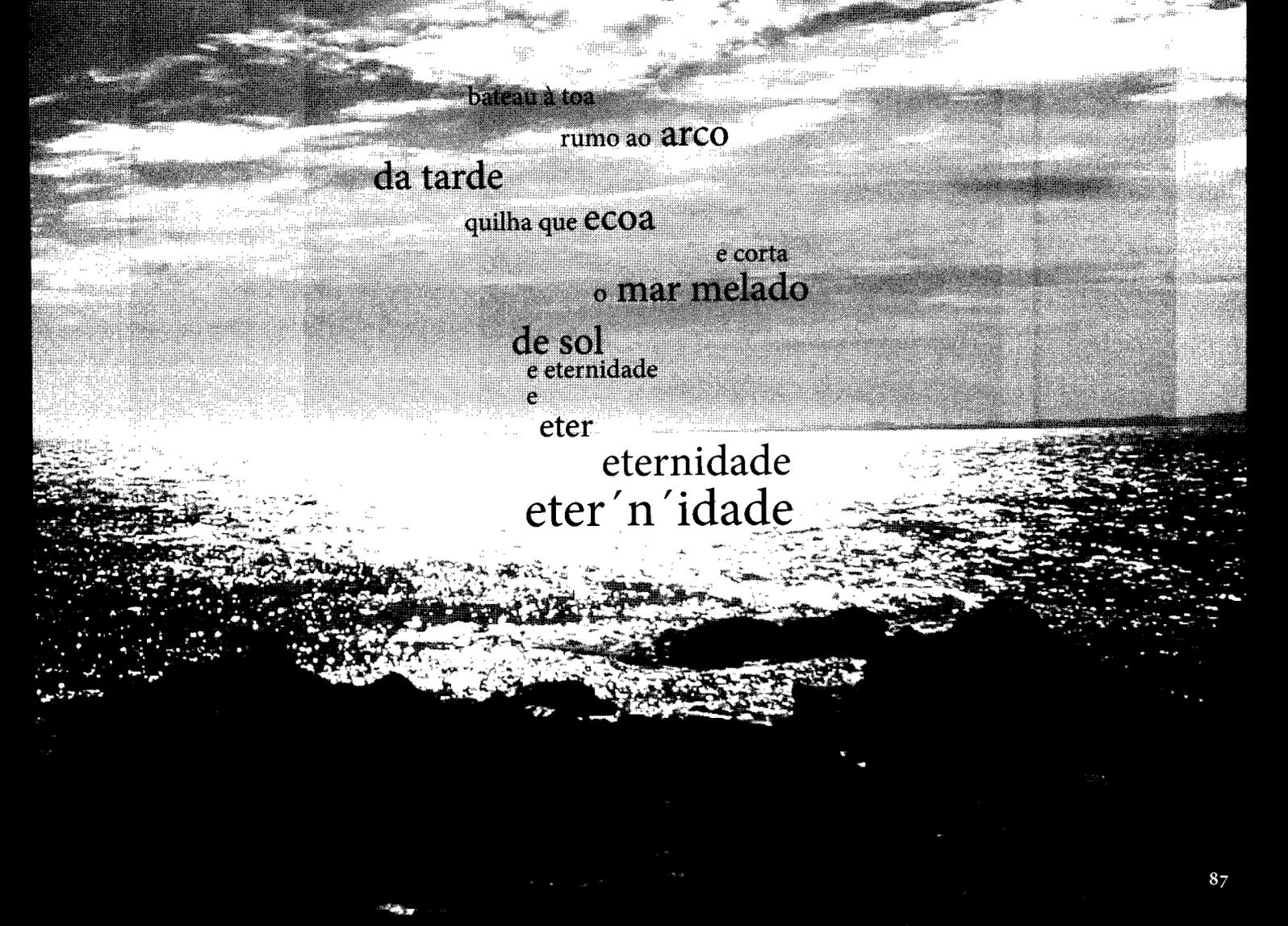
o mundo
mar
o mar
ah
o mundo
o mar
ah
o mar

profundo
onde
vaga
meu pensar

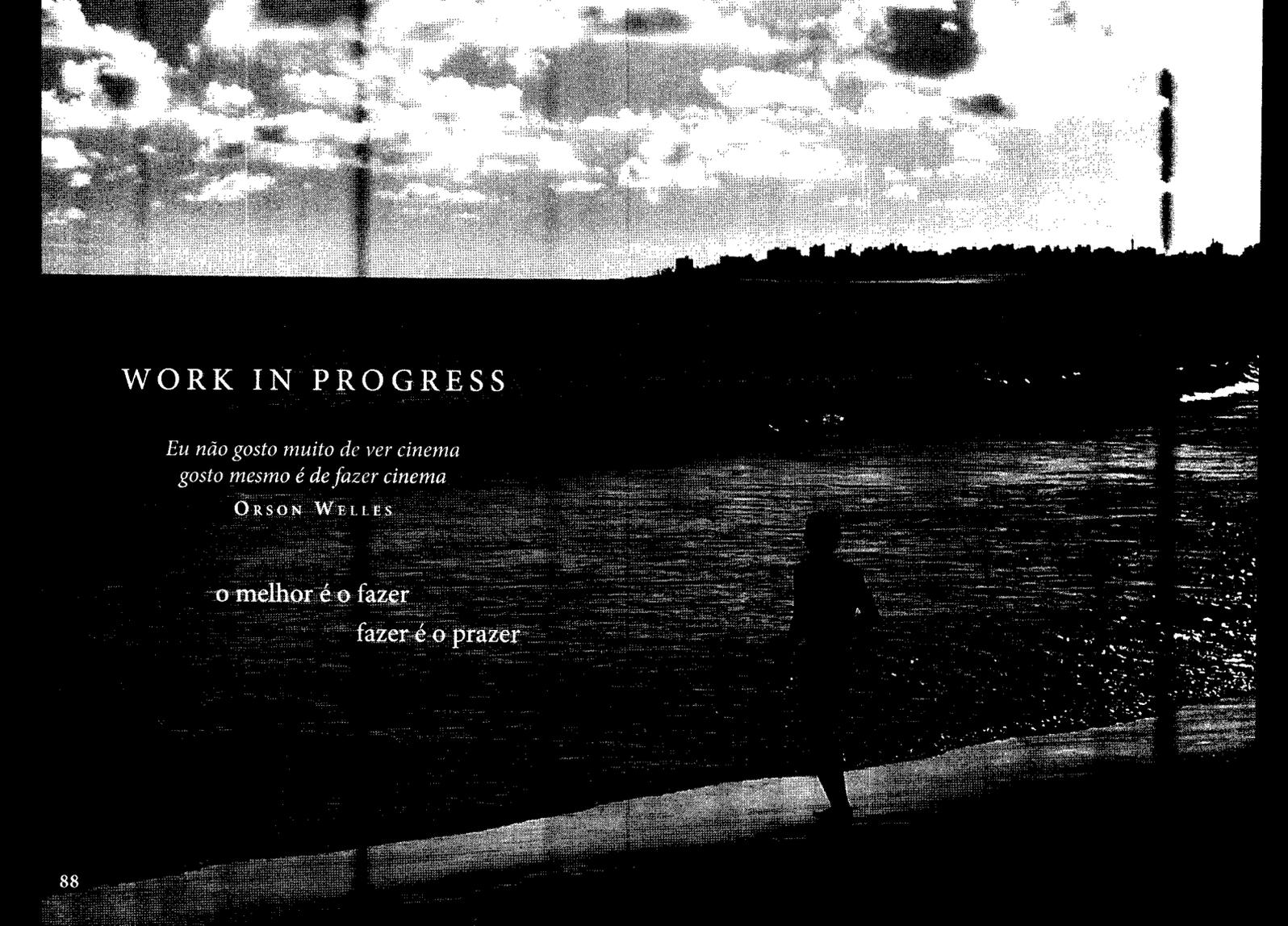
mar que rimbaud retomou

bateau retrouvé
farol barco
sentinela
arco vela
casco
molhado de tarde
e eternidade
poita
prumo
proa
moi
quille qu'éclate
orfeu
que emerge
odisseu à tona
ao largo
eu ilha
eu barco





bateau à toa
rumo ao arco
da tarde
quilha que ecoa
e corta
o mar melado
de sol
e eternidade
e
eter
eternidade
eter'n'idade



WORK IN PROGRESS

*Eu não gosto muito de ver cinema
gosto mesmo é de fazer cinema*

ORSON WELLES

o melhor é o fazer
fazer é o prazer



*poemas de
agora*



MAURO - NIEMEYER: NUVENS

*Eres nubes, eres mar, eres olvido.
Eres también aquello que has perdido.
Quizá la nube sea no menos vana
que el hombre que la mira en la mañana.*

JORGE LUIS BORGES

sempre que no céu brancas nuvens vejo
é de humberto mauro e niemeyer
que particulares lembranças chegam

um nuvens via projetando o céu
outro enquadrava o céu e bois e nuvens

sempre que no céu brancas nuvens vejo
fita de sol e sonho arquiteto

DUAS FACES (*)

antemanhã
reluz
a mata
o morro
o mundo
lance
de asfalto & sol
dobra-
se a curva
sono-lucidez



tintas fortes
compõem a lida
põe com

claridade

novo pano

no panorama

duro canto

cimento

máquina

gente

salto

no de dentro

chão do futuro

mas que linha é essa

que sem domínio visões

entre avenida e sonho?

ao sul do sono
imagens
retina
luz
surge súbito
o fascínio
glória adentro
as duas pontes
a curva do rio
e da vida
as ruazinhas
distantes
do centro
e da memória

flash de banguê-banguê

klaxon

buzina

galope bufo

destrelado trem

que trina-destrina

corta a cidade

trensloucado

duas faces

fumaça

& paisagem

() A partir de "Carta aos Ases", poema a quatro mãos, de Joaquim Branco e Ronaldo Werneck (1967)*



FOGALEGRE

audrey rap

audrey burn

audrey help

audrey happy

audrey hepburn

LEMELEVE

*A vida é muito curta
para ser pequena*

BENJAMIN DISRAELI

a vida é breve
tome lépido o leme e engrene
torne-a leve
não deixe que ela se apequene



MAR DA BAHIA

em cada fresta
azul em festa
no ar

cada finestra
franja de mar
azul

mina um poema
em cada esquina
de mar

Corredor da Vitória/Salvador, jan 2010

M A R M A N H Ã

celular em close

a moça

ante o mar

fotografa

a moça

a outra

sua pose

ao lado

o olhar da menina

troca o mar pelas moças

detrás de tudo

desapercebido

o verdeazular da manhã



mais atrás

a mãe não vê

moças

mar

celular

só sua menina a sonhar

luz de não se acabar

o sol ilumina a cena

e o mar

o verdeazul deste poema

Porto de Galinhas/Janeiro de 2013

SAI DO SONO (*para ulla*)

uma vez era uma vez
muito duro estava o pai
e um poema que cai
aquele pro pablo fez

hoje de novo durinho
papi nem isso consegue
só um beijo-carinho:
este aqui, que agora segue

quem diz que este beijo até
também poema não é?

*sai do sono uma lágrima
cai na cama e me inunda
de sal e água e saudade
em brisbane você vê
wall street dvd*

HALL DA FAMA

muita gente muito boa
muita gente tão ruim

não sou besta em tecer loas
em dar seus nomes assim

FLAUTANGÚSTIA (*para Patrícia*)

só pelo medo de perder-te
sopro essa flauta sol angústia

é quando len
çol sonolento
em mim vo
cê se aninha
se acon
chega mais
pequenina

a manhã
céu
sem sol
sem querer
parece arrebol
prece

sem você

o sol não amanhece

só pelo medo de soprar-te
perco esse sol flautangústia



2 0 1 4

fogo no méxico

furacão na califórnia

fúria no alaska

funfest no brasil

AMOR AOS 70

nem sempre
se ostenta
um amor aos 70

vai, deixa esse ser
assim enamorado
esse safenado
descasado ser

de novo casado e se ver
como todo apaixonado
junto (ou aprisionado?)

2 3 . 1 0 . 1 3

hoje tenho setenta
e de novo e sempre
a vida me inventa

aos setenta e a cada dia
— vírus que me adentra —
tomado sou pela poesia



COISA LEGAL

que coisa legal vamos fazer hoje?
comer os camarões de camarões?
caçar o leão de serra leoa?

amor amor vem vai
vem vamos fazer vai

vem fazer uma coisa
coisa muito legal

nadar na relva (vai-vem)
correr no rio (vem-vai)

pegar uma onda
sós no rio pomba

subir num só pé
comendo pipoca
(quem sabe de bike?)

pra ibitipoca

voar pra usina
(vê só, imagina!)

amor amor vem vai vamos fazer
vamos fazer uma coisa legal

nadar no mato correr cachoeira
escalar a tour eiffel num só lance

andar e andar ao deus dará pela rambla
dançar no radio city music hall la bamba



legal sim vamos fazer uma coisa

e se nós pulássemos da pedreira?

vamos fazer uma coisa legal

mas que coisa que coisa legal?

que tal uns drinques finos hein? que tal?

sim vamos fazer vem vamos legal

parar o tempo amar o momento

amar esse dia e seu intento

amar amar muito coisa legal

muito legal amar amar amar

vamos fazer uma coisa legal
olhar e olhar o sol sobre o mar
o mar engolido pelo horizonte

vamos de novo ver coisa legal
o horizonte que salta sobre o mar
mar-horizonte essa coisa legal

e se chover muito chover em agosto?
vamos fazer uma coisa legal
chove chuva no rosto rei deposto

beijar e beijar cravado um minuto
caminhar de costas no central park
zanzar à toa pelo guggenheim

parar o relógio sentir o tempo
a chuva o sol o dia o vento
deitar ver o teto nada fazer

um abraço nel cumbre de los andes
la nieve no entorno la vida breve

café com piernas na calle estado
en la boca piscos y muchos bejos

vamos vamos fazer coisa legal
nadar nadar de costas no mapocho

subir às cegas el valle nevado
amar morir de amor em santiago

Santiago do Chile/ Cataguases/ Nova York, 2012-2014



CHOQUE DE GESTÃO

é assim

vê se pode?

choque de (indi)gestão

pra mim

é buchada de bode



COM-VIVER

um tempo que também é quando
e quando vinicius também
de Moraes e razão demais:

*quem de dentro de si não sai,
vai morrer sem amar ninguém.*

viver é conviver
é viver com
com vocês

2 3 & 2 3

às 23 e 23
outra vez
chamado fui
para a poesia
que do poema
se faria

fui

ou não
fui?

era julho
e já 26 e
só tinha eu
até agosto 2

pra aprontar
o que viria
depois
e de mim
o que se pedia

façamos assim
 assim assim
 um poema
 que saia de mim
 como um sopro
 de amor sem fim

e siga com amor
e afeto e carícia
pros braços
da patricia

vai meu poema
que o tempo
(corre ou não corre?)
parou pra te ver

agora e já
nada afoito
são 10 e 58
o mês é 7
o dia
ainda 27
vai meu poema
dizer pra ela
que ninguém
ainda o viu
pela janela

mas que
um bem-te-vi
ao deus-dará
mandou dizer
que você chegará

e logo-logo:
o coração apressado
em seu escaninho
e as asas infladas
de amor e carinho.

26.07.2011 (*dando por cumprida uma tarefa de amor*)

POEMA - PANACEIA
(ou coisa de doido)

anafranil

rivotril

tofranil

piportil

amplictil

aldol

ambilify

syrprexa

seroquel

akineton retard

parnate

não mais nessa

caia

seu ricardo

maia



CATAGUAZES/CATALUNYA

o z de cataguazes
bicicletaz
o y de catalunya
bicycletaz
cataguazes
bicicletaz
catalunya
bicycletas
láz y acáz
en la rambla
bellas
barcelonetas
na praça
cataguazetas
bicicleteiras





MACY'S

THEY'VE BEEN
AROUND SINCE

NOVA YORK

só num canto de loja distraído
esquecido numa rua do soho

a lupa no olho o relojoeiro
escuta o bater-rebater do mundo

e nos conduz sós ao topo do tempo
de seu consumo templário templo

fora do céu o skyline aqui está
tombado sol horizonte às avessas

a noite desce e escorre pelo mundo
nenhum barulho nem tampouco medo

do alto do império são formigas
as gentes grandes carros de brinquedo

o tempo nas mãos do relojoeiro
nada tem de sólido ou partido

tem 'pó esse mecanismo do mundo
mas nada de parado nem perdido

Nova York, maio de 2014



COPACABANA

*mas de que vale o poema
ante a mulher de ipanema?*

R W

com sua curva cigana
só-só só copacabana
sex o marazul se esfrega
na branca areia branca
anca de copacabana

sós esses corpos de entrega
sob o sol céu que se estanca
esses sós corpos queimados
sós, estirados ao léu

na areia branca enlaçados
na branca areia branca
anca de copacabana

copabacana me esgana
mas eu nasci pra ser
o super das camas

copabacana me entranha
mas eu nasci pra ser
o supersacana

eu nasci pra ser
copacabana

PLENA PRISE

só profiteroles
no itanhangá
durmo sobre as letras
estou só e choro

menores no metrô
maiores no afeto
olha as redondilhas
onde agora vivo

apressar
com calma
represar

olha vela e vê
redondamente
profundamente

pensar
apressar
represar
o tempo porvir

à noite e quando
diossincrasias
soçobram e tanto
tanto todo dia

e vem sim vem e
diossincrasias
amor já em crise
amor plena prise

OUTRORAGORA

Um soneto século XXI

agora chama-me outrora
minha mais nova namorada
muito que bem muito que nada
de antanho venho dessa aurora

assim tamanha assim atávica
de outroragora e alvorada
de som e sêmen e sal grávida
de sol de som assoberbada

de outrora agora já me chama
pois muito bem outroragora
chama assim tesa por mim clama

aquela que me namorama
noite-dia madrugaurora
vem pra mim vem outroragora



PARIS - PATRICIA

na relva

o céu

e suas flores

whitman

na cabeça

a minha

no colo seu

a torre

em contra-plongée

nos PiScApIsCaPiScA

ei-ffel

e-i-f-f-e-l

eiff-el

champs de mars



midnight
um beijo
um abraço
e já
na ponte d'ienna
un baiseur de cinéma

paris
patricia
partout
et ça va
et voilà
flâneur
flanar
na relva
o céu
de baudelaire
o seu colo meu
a bout-de-souffle



me acolhe
aux champs elysées
à moi
à godard
et à patricia
pas de new york herald tribune
pas de dégueulasse
pas de tout
paris par tout
sou eu-você
nosso amor
prêt-à-porter

Paris/junho 2010

UM TREM ESSE TREM

*lá fora o luar continua
e o trem divide o Brasil
como um meridiano*
OSWALD DE ANDRADE

lá aquele trem-insight de oswald de andrade
divide o brasil como um meridiano

cá este me acorda e corta cataguases
e meu coração apita se assustando

um troço um trem esse de quase-quases
um traste na noite-desoswaldandrade

Cataguases, outubro 2013

TEMPO EM TRÊS TEMPOS

*Seja sábio, beba logo esse seu vinho
e trague a esperança para onde estamos,
mesmo agora, enquanto de nós nos falamos,
o tempo ciumento nos está fugindo.*

HORÁCIO BY RW

1 . TEMPOEMA

no espaço do quarto
campo-fundo universo
tempo de onde parto

largo tempo largo
espaço de meu canto

um tempo-espaço avesso
de mim exíguo verso

2. POMBA CINEMAR

o metro o cine copacabana e o mar
o rio pomba o nelo e o edgard

lá as salas de ar chiquê
as cançonetas derradeiras

cá não se ouve nem se vê
cenas de pulgas e poeira

metro mundo de lá
mundo metro de cá

3. TEMPO ARREDONDADO

menino na janela
saia redonda alçar
a moça na calçada
o seu arredondar

tempo por trás do tempo
arredondadas formas
anos cinquenta e tanto
e lá vem ela e o vento

salta suave o espanto
um sôfrego apontar
saia rotunda saia
o seu arredondar

nesga uma só nesga
um quê de arredondada
saia ponta de perna
um tempo de si mesma

o menino se esconde
nele de si vexado
para dentro de si
de si ensimesmado

da janela o menino
redonda moça vê
ela a passar e o tempo
a passar atrás dela

ESPELHO

todo dia
um
me falta
falta me
um
dia todo





posfácio



OS ARGONAUTAS

Mariana Cândida

“Do verso ao gráfico/do haicai ao processo/o poema é tudo/emissor & emoção/suor-insight-calor-coração”, dizia o poeta Ronaldo Werneck em *Selva Selvaggia* (1976). E foi exatamente com “insight & coração” que ele trabalhou o poema “o mar-em-mim”. Nesse poema, de caráter intertextual, Ronaldo empreende uma aventura épica pelo mar da memória, dialogando com outros poetas que também usaram o mar como tema. “[...] se Minas não há mais, como disse outro poeta mineiro, haverá sempre a Minas extraída da linguagem, esse trem azul palpitando longe e ao mesmo tempo tão

presente”, como escreveu o crítico Marcus Vinicius no jornal literário “Panorama” (Rio, set/out 1999).

O mar que aqui encontramos não é o mar em si, mas a sua memória, o seu desdobrar, o mar que o poeta retoma num longo poema, pronto e *indefinito*. Ronaldo, com seu tom irreverente, na pontuação satírica e no estranhamento lírico, entre mordaz e cômico, imprime a sua originalidade nesse “mar” de poemas. Por mais que ele tenha assimilado recursos da poesia concreta e do poema processo, o que Ronaldo Werneck valoriza mesmo

é a palavra. Concilia o erudito e o popular dentro de uma construção intertextual, que joga o leitor diante de inúmeras possibilidades de investigações e interpretações literárias, num verdadeiro exercício antropofágico.

Para Julia Kristeva, todo texto se constrói como um mosaico de citações, absorvendo e transformando outras produções. O poema de Ronaldo Werneck se constitui num “emaranhado” de citações, algumas declaradas, outras simplesmente incorporadas. Para Francisco Marcelo Cabral, “Ronaldo é um poeta sem medo dos outros poetas – faz uma apropriação dos textos que mais o emocionaram, num processo criativo de desafiadora originalidade. No vasto mar de letras, Ronaldo Werneck retoma os textos de “Invenção de Orfeu” e de “O cão sem Plumas”, e os trata como destroços flutuantes de um grande poema-mar universal e único, que a

eternidade elabora, desfazendo contornos gráficos e autorais”.

O conteúdo do poema-oceânico de Ronaldo Werneck vai além do sentimento, do lugar comum. Sua poesia é a da palavra, posta a serviço da própria palavra, recriando uma outra – sua metamorfose. Para a poeta Lina Tâmega Peixoto, o código decifrador dos poemas de Ronaldo é a lírica memória: [...] “O canto épico de *o mar-em-mim*, onde as aliteraões e as anáforas se sucedem com ímpeto e intensidade luminosos, expressam a estrutura rímica que vai ordenar a rítmica para traduzir a água e seu movimento”.

A literatura sempre nasceu da e na literatura. Não numa endogenia estéril, mas antes como uma prática viva, que se dá a conhecer como produção humana na história. Desse modo, no

seu mar-palimpsesto, Ronaldo Werneck recupera, reincorpora e relê a tradição sob o signo das águas. As águas simbolizam a soma universal das virtualidades; elas são o reservatório de todas as possibilidades de existência; elas precedem toda forma e sustentam toda a criação. No interior de *o mar-em-mim* ressoam, mescladas à voz do poeta Ronaldo Werneck, as vozes de todo o saber poético de Jorge de Lima em “Invenção de Orfeu” e de João Cabral de Melo Neto em “O cão sem plumas”, poeta que não deixou pedra sobre pedra quando recuperou em seus poemas a força significativa da palavra.

Ronaldo Werneck vê de cima o mar de Orfeu – o poeta que também “violou a proibição e ousou olhar o invisível” – no mar de Jorge de Lima –, e mergulha, imerge no “mosaico de memórias, comendo peixes e recordações”, para voltar à tona,

entre “os versos que se encachoeiram em ondas, em tormentos” – no fundo, o seu fazer poético.

“Um poema no mar nascido”, onde o poeta trabalha com palavras-mar, palavras que remetem a todo um arsenal de vocábulos marítimos, contextualizando o nascer do poema com o nascer do sol, do mar-manhã, a manhã flagrada em cores: “ouro/azul/ouro/vermelho/ouro”. O poema que surge como o dia no horizonte, na junção céu-mar, no moto-contínuo do tempo, mar (“sal que salga”) de aliteraões: “sol fora do centro/sol sem lugar/que tudo é mar/que não tem fim/mar que vai dar em mim”.

E que súbito remete ao rio-mar de João Cabral de Melo Neto, onde o poeta mineiro dialoga com o tenso mar do pernambucano (Capibaribe, Pomba, “que tudo é mar”), mar-mínimo, contido,

vigoroso, mar-de-achados, mesmo mar, a mesma coisa que surge do acaso possível no suceder de ocasos: “o mar e seu lençol/de chão suspenso/de areia e ser/tão claro e tenso/cabralino-denso/alcalino-intenso”

o mar contra o medo

colisão de ocasos

o mar do acaso

Se o mar destrói, também se destrói; se logra romper a barreira da intransitividade, a ação corrosiva continua a recair nele mesmo – e o círculo torna a fechar-se – para dar passagem ao discurso de Ronaldo Werneck: eternidade. Para Lina Tâmega, “o arcabouço concreto nos poemas de Ronaldo substitui, com rara beleza e força, os

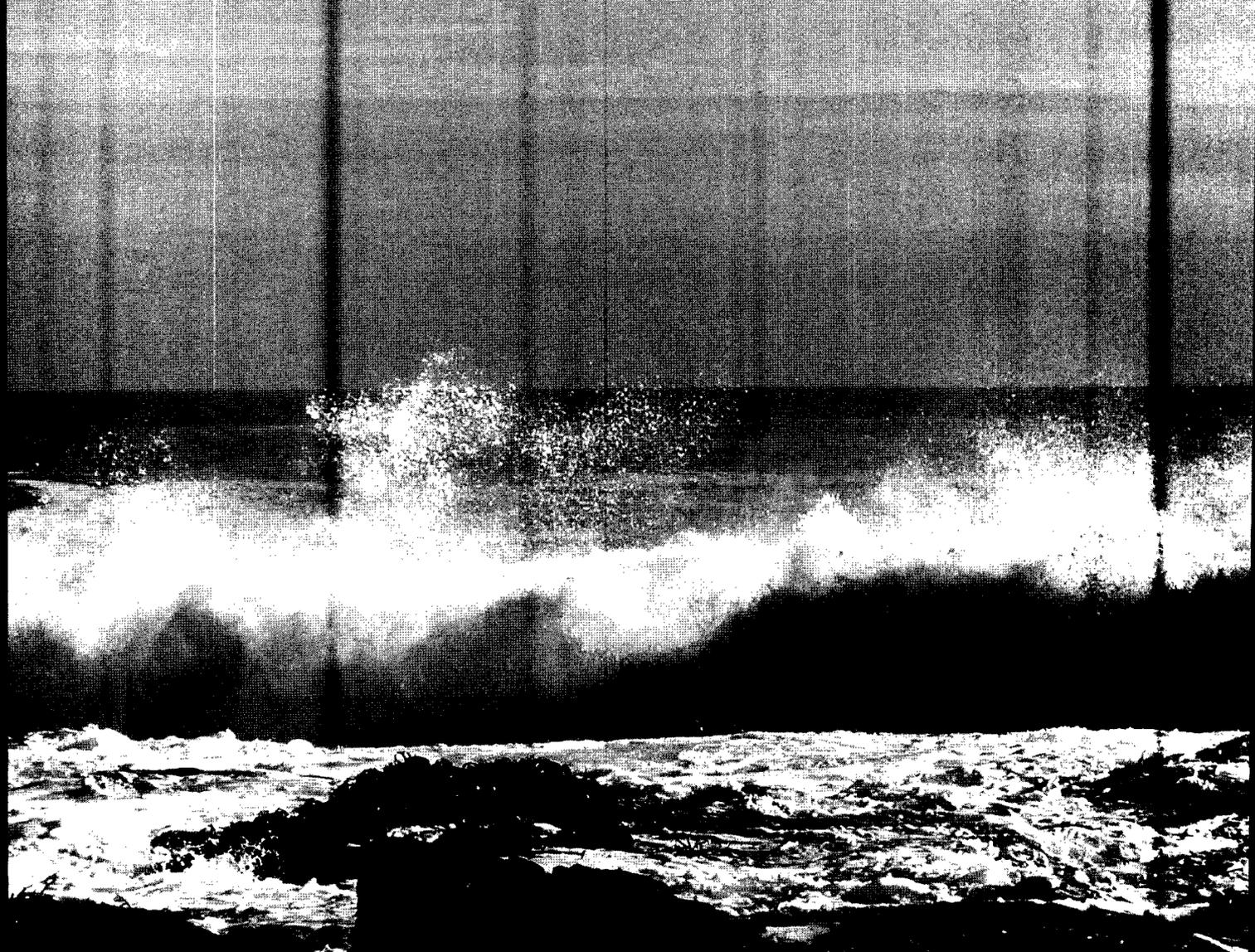
signos convencionais de pontuação que ele tão bem soube dispensar no discurso”. Ronaldo Werneck lança mão do arsenal da vanguarda poética (a importância do espaço em branco, a “respiração” das pausas, o silêncio, espaços que “falam”) para que seu poema passe a intenção através da tensão, do tensionamento da forma poética.

Assim, a leitura do poema se renova sempre, está sendo sempre arejada pelos cortes sucessivos, que prescindem de pontuação e principalmente dispensam o uso de maiúsculas, permitindo que “se entre” a cada momento-página. Tudo é cíclico e o poema, como o mar, não tem princípio nem fim. É círculo, circunavegação do poeta-argonauta, possibilitando que nele se ingresse por onde a onda estiver batendo, ou o trem passando. É sintomático o poeta aludir ao mar como “*esse trem azul*” – trem-bão, trem-coisa, trem de mineiro.

A presença de Jorge de Lima e de João Cabral nos poemas de Ronaldo é uma constatação inequívoca da perenidade dos poetas nordestinos no feliz encontro com o poeta de Cataguases. Principalmente porque esse encontro não se dá de maneira ingênua, mas numa postura crítica própria de quem faz poemas que retrabalham a tradição num discurso fragmentado, dialogando com a pós-modernidade. Jorge de Lima é Poeta. João Cabral de Melo Neto é Poeta. Ronaldo Werneck é Poeta. E a travessia marítima desses três argonautas pelo mar de palavras significa recuperar a afirmação da poesia enquanto instrumento de uma busca de significação a ser encontrada.

Mariana Cândida

é Mestre em Literatura Brasileira







UM OLHAR EM
o mar-em-mim
(fragmento)

Maria José Ladeira Garcia

la mer

meta

metáfora

Para uma abordagem do poema *o mar-em-mim*, de Ronaldo Werneck, devem-se rever rapidamente as colocações de Stéphane Mallarmé no poema “Lance de dados” (*Un coup de dés*), publicado em 1897 na revista *Cosmópolis*, sobre uma forma revolucionária do fazer poético, parecendo sugerir um efeito de tridimensionalidade no espaço bidimensional.

Esse poeta simbolista francês antecipou com “Lance de dados” a sintaxe visual da moderna poesia do século XX; por isso, o seu poema representa o início da verdadeira poesia moderna com o seu radicalismo racional / estrutural, porque rompe com as estruturas tradicionais da poesia. Mallarmé abre novas

direções para o poema visual, incorporando novos signos fornecidos pela semiótica à criação do texto poético, como o ideograma.

Ronaldo Werneck, influenciado por Mallarmé, investiu o seu poema de função expressiva ao utilizar os espaços em branco e os tipos escolhidos para a impressão, configurando o que veio a chamar-se *sintaxe gráfico-visual*. O poeta valoriza a palavra e a musicalidade da poesia, através da construção de aliterações e assonâncias, contribuindo para a formação da rede de sentido do poema.

Mallarmé é também um dos precursores da poesia concreta por utilizar os espaços em branco e os recursos tipográficos para a composição do poema. O poema concreto comunica sua própria estrutura: estrutura-conteúdo por ser um objeto em si mesmo; não interpreta os objetos exteriores e/as sensações mais ou menos subjetivas. Seu material é a palavra (sons, forma visual, carga semântica); por isso é um ser de linguagem, nascido da dinâmica dos signos; logo, quem deve *falar* no poema é a própria linguagem.

Com o poema concreto surge o fenômeno da metacomunicação: coincidência e simultaneidade da comunicação verbal e não-verbal como se percebe no poema *o mar-em-mim*; deve-se, porém, ressaltar que se trata de uma comunicação de formas de uma estrutura-conteúdo, não da usual comunicação de mensagens.

A principal característica de *o mar-em-mim* é o abandono do discurso tradicional, privilegiando os recursos gráficos:

nau de angústia

desgoVeRnada

o mar além

da torre de belém

mar que se alça do tejo

luso de lutas de luz de luíses

Como consequência, ocorre a abolição do verso, o aproveitamento do espaço, isto é, os brancos da folha e a própria disposição das palavras no papel adquirem um significado:

mar azul marco

arco

o céu azul

o seu azul

mar

azul

o céu

o seu

cheiro azul

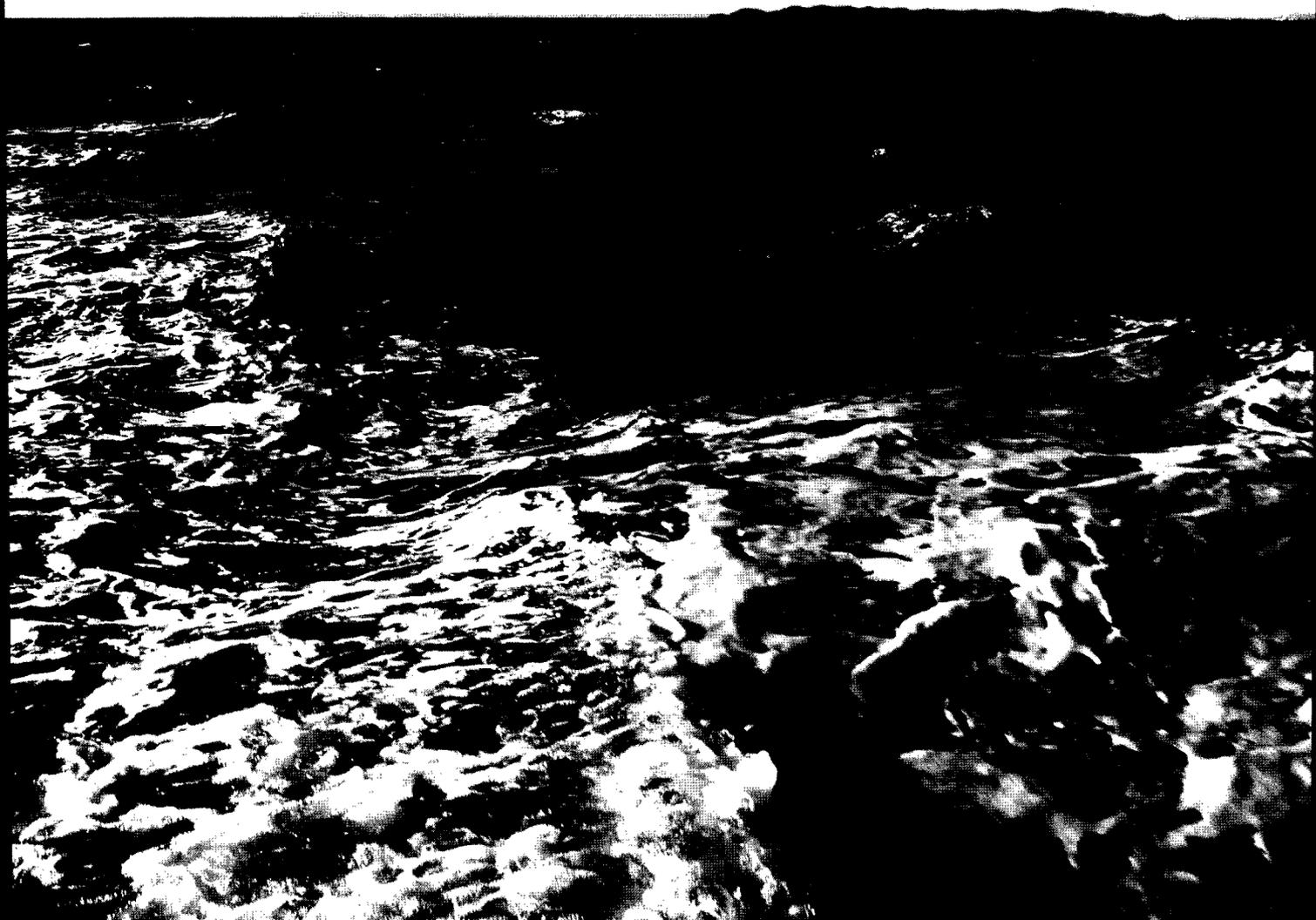
o céu

bate

azul

o seu

azul



O que interessa ao poeta é a estrutura espaço-temporal, desenvolvendo novos valores como a criação de neologismos:

eu odisseu de tropeços

só e solto e sôfrego

eu orfeu de palimpsestos

entre céus sóis lençóis de amplexos

sufocados em livros

tardos e tristes

traças submersas

lívidos reflexos

emaranhados emersos de espumas

no azul-azul do mar

O texto de Ronaldo é engajado na perspectiva de Mallarmé e esse *lance de dados* que Ronaldo quer furtrar ao acaso é que constitui a vitalidade da literatura. O poeta, ao fazer uso do jogo lúdico com as palavras,

revela herança dos concretistas, pois se percebe que o seu objetivo é construir um texto dinâmico, visual e enxuto. Através de um reduzido número de células de base, Ronaldo realiza inúmeras possibilidades combinatórias.

O poema, por ser um constante fazer-se e refazer-se, apresenta forma móvel, apontando, assim, continuamente para novas possibilidades de relações e horizontes de sugestões ainda não experimentadas, como o uso de termos de outros sistemas linguísticos.

As *páginas* não obedecem, portanto, a uma ordem fixa; são intercambiáveis e se formulam em várias direções e sentidos. É uma forma revolucionária do fazer poético, poesia diferente e cheia de sugestões, cujas palavras desarticuladas, repetidas ou esfaceladas sugerem muito mais pelos seus grafismos, sons ou ordenação na página do que pelo seu significado.

Não há no poema estrutura métrica, figuras de retórica. Interessantes são as formas que o texto (ou a palavra ou a letra) assume no espaço da página. A sonoridade das palavras revela um jogo rítmico e fonético, contribuindo para a formação da rede de sentido do poema.

O texto se tece através da reinterpretação da gramática, da sintaxe, da disposição gráfica, do sentido e da própria razão de ser do poema. É dinâmico como a vida. A disposição ziguezagueada das palavras

representa um significante material da velocidade com que tudo se transforma. Os fatos se passam como num relâmpago, símbolo da efemeridade da existência.

O mar-em-mim é obra desafiadora por ser fruto do constante exercício poético, poesia semiconcreta, unindo discurso e não-discurso. Na verdade, o complexo processo da desintegração, de desconstruções, de refuncionalização da palavra são formas que Ronaldo encontrou para expressar a complexidade do homem do mundo moderno.

Maria José Ladeira Garcia é Doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ



A NENHUMA COISA DADA

Eugênio Malta — *a Ronaldo Werneck*

nada o peixe na palavra nada
feixe a rima de lenha em linha
circula o caos
na mente sagrada do big bang
do bang bang
bangalô alemão na favela
princípio sem princípios
precipícios para rinocerontes
gatos de pelúcia e cavalos de brinquedo
pendurados em broncos
brincos sonoros do medo
tudo escuro
tudo escuro mesmo
tudo escuro mesmo assim
tudo escuro mesmo assim resisto
tudo escuro mesmo assim resisto à clareza

lia
ilíada
mar
sobrevoa hawk no vazio
faz falta um king?
tristonho azara a ara
altar da arara azul amazônica
cônica palavra busca explicação
ela ainda está na sala
na ala o rinoceronte bufá
camufla o riso no pelo do gato
no tempo o quadro na parede é janela
a musa dos rios se torna essencialmente bela

Nova York, 29.09.2011



ANOME LIVROS & POEMAÇÃO PRODUÇÕES
o mar de outrora & poemas de agora © 2014 Ronaldo Werneck



ANOME LIVROS
Belo Horizonte Minas Gerais Brasil
www.anome.com.br
facebook.com/anomelivros
anomewilmarsilva@gmail.com
55 31 9975-6627

POEMAÇÃO PRODUÇÕES
Belo Horizonte Minas Gerais Brasil
www.poesia.com.br
poesiacao.blogspot.com.br
poesiacao@poesiacao.com.br
55 31 9975-6627

Foto e design da capa *Ronaldo Werneck*
Fotos Miolo *Patrícia Barbosa e Ronaldo Werneck*
Projeto gráfico e formatação *Valdinei do Carmo*
Produção *Patrícia Barbosa*
Revisão *Antônio Jaime Soares*
Coordenação Editorial *Wilmar Silva de Andrade*
Impressão e acabamentos *Gráfica O Lutador*

FICHA CATALOGRÁFICA

W491 O mar de outrora & poemas de agora / Ronaldo
Werneck. – Belo Horizonte: Anome Livros, 2014.
176p.

ISBN 978-85-98378-91-6

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: 869.15

CDU: 869.0(81)-1

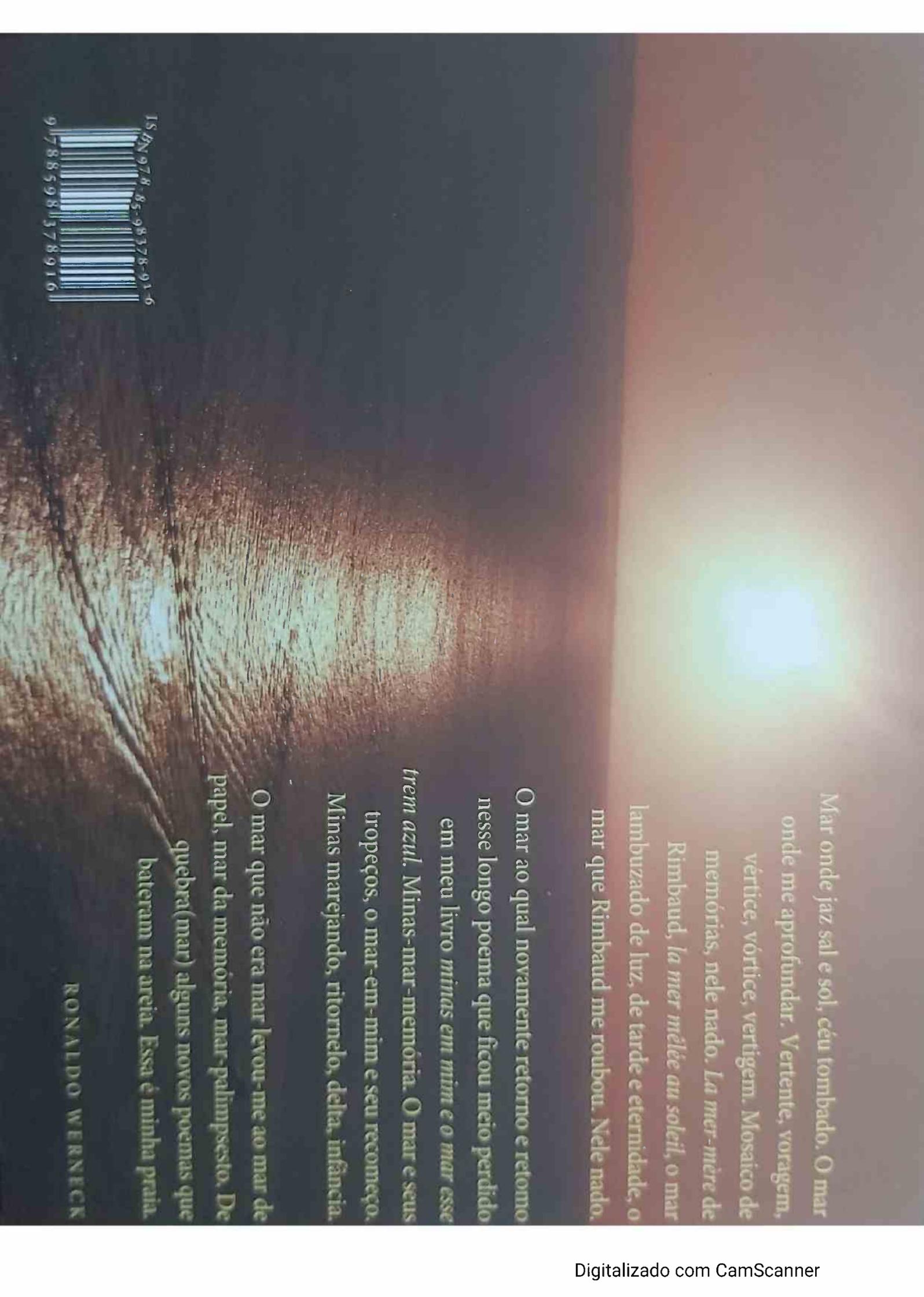
Elaborada por: *Maria Aparecida Costa Duarte - CRB/6-1047*



Este livro foi composto em tipografia Adobe Hebrew
e impresso nas oficinas da Gráfica O Lutador,
Belo Horizonte, MG em setembro de 2014.
Papel da Capa, Cartão Supremo 250g/m²,
miolo, Couchê Fosco 115g/m²,
ambos fabricados pela Cia. Suzano de Papel e Celulose S/A.



Poeta e cronista,
membro do
Pen Clube do Brasil,
Ronaldo Werneck
é mineiro de Cataguases.
Vários livros
publicados, entre eles
cataminas pomba & outros rios,
Há Controvérsias 1 e 2,
Humberto Mauro revisito
por **Ronaldo Werneck,**
Minerar O Branco.



Mar onde jaz sal e sol, céu tombado. O mar
onde me aprofundar. Vertente, voragem,
vértice, vórtice, vertigem. Mosaico de
memórias, nele nado. *La mer-mère* de
Rimbaud, *la mer mêlée au soleil*, o mar
lambuzado de luz, de tarde e eternidade, o
mar que Rimbaud me roubou. Nele nado.

O mar ao qual novamente retorno e retomo
nesse longo poema que ficou meio perdido
em meu livro *minias em mim e o mar esse
trem azul*. Minas-mar-memória. O mar e seus
tropeços, o mar-em-mim e seu recomeço.
Minas marejando, ritornelo, delta, infância.
O mar que não era mar levou-me ao mar de
papel, mar da memória, mar-palimpsesto. De
quebra(mar) alguns novos poemas que
bateram na areia. Essa é minha praia.

RONALDO WERNICK

ISBN 978-85-98378-91-6



9 788598 378916